

## PARA A CARACTERIZAÇÃO ENUNCIATIVA DO MARCADOR *POR POUCO*

BENJAMIM MOREIRA

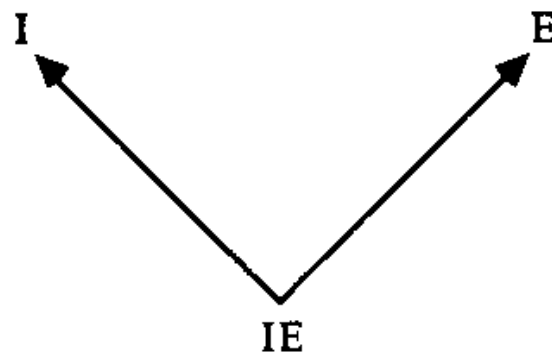
(Instituto Camões-Universidade de Santiago de Compostela)

1. Parece necessário ter em conta a teleonomia de um processo inscrita na relação enunciador — co-enunciador para explicar, por exemplo, os valores de dois enunciados homónimos: *por pouco não passavas no exame*.

Digamos, muito sinteticamente,<sup>1</sup> desde já, que na construção em que intervém o marcador *por pouco* está em jogo uma forma de ponderação entre dois modos de construção de um processo: a localização subjectiva e a localização situacional; a teleonomia e a antiteleonomia; a relação dissimétrica entre os enunciadores; a orientação para o centro atractor enquanto ponto de estabilização de uma noção e a orientação para a realização do processo, enquanto localizador; a relação entre operações de identificação e operações de diferenciação; a conformidade entre o validável e o localizado, ou seja, entre o construído e o construível, entre um projecto e a realização desse projecto.

*Por pouco* e também *quase* marcam essencialmente uma operação de orientação da relação predicativa numa situação enunciativa. Essa orientação pode ser representada por um *vector*, com uma direcção e um sentido (ou para o Interior ou para o Exterior do domínio nocional) e um comprimento (que indica a graduação). Ela é determinada a partir de um ponto de aplicação, origem da construção. Esse ponto origem da construção será *a priori* um ponto exterior ao domínio (nem I nem E), notado IE (Culioli 1987, 1988, 1990) a partir do qual se perspectivaria um ponto a atingir no Interior (I) ou no Exterior (E).

Uma esquematização dos percursos desta representação pode ser visualizada através de uma configuração triangular (apenas a duas dimensões) que corresponderia ao conceito de 'bifurcação' de Culioli ([1988] 1990: 99):



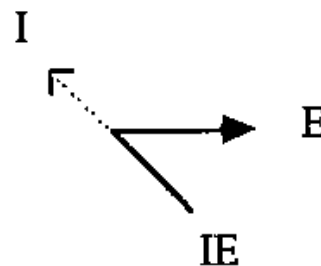
[esquema 1]

Digamos que essa orientação corresponde ao caminho nocional enquanto percurso construído em direcção a um ponto estável que é o ponto de referência.

Mas esse ponto de partida da construção só subjectivamente é IE. O sujeito constrói um objecto teleonómico que corresponde à perspectiva de localização do processo no ponto visado (I ou E). Não esqueçamos, porém, que no momento da enunciação o sujeito sabe se esse ponto visado foi ou não foi atingido, excepto na forma progressiva do tipo "estar a ..."; neste caso *por pouco* não é possível.

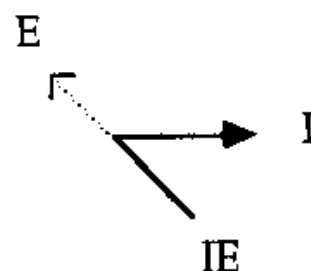
A configuração do percurso assenta sempre numa inflexão, ou seja, numa re-orientação modal, até chegar ao ponto de estabilização.

Teremos duas possibilidades: o ponto visado é I mas a relação predicativa ancora-se em E:



[esquema 2]

o ponto visado é E mas a relação predicativa é validada em I:



[esquema 3]

Tratando-se de uma delimitação QLT (maior ou menor identificação com as propriedades da noção), a ocorrência seria localizada no centro atrator; tratando-se de uma delimitação QNT (ancoragem situacional da relação predicativa) corresponderia à estabilidade da ocorrência: uma ocorrência está realizada.

Assim, manifestam-se duas orientações opostas: a **orientação proclive** quando a origem da construção é o Exterior e o sentido da construção o Interior; a **orientação retroclive** quando a origem da construção é o Interior e o sentido da construção é o Exterior.

*Por pouco* (ou *quase*) quando antecede o termo sobre o qual incide, é assim entendido como um marcador de uma operação complexa em que entram em jogo a negação e a afirmação, o positivo e o negativo, a dissociação entre a construção situacional e a centragem qualitativa de uma ocorrência da noção, a não conformidade entre P tal como é visado e P tal como está localizado, a dissociação S<sub>1</sub> / S<sub>2</sub>. A ponderação sobre esses valores faz-se por isso num espaço intermodal.

2. O nosso objecto de estudo restringe-se ao marcador *por pouco* em relações interproposicionais<sup>2</sup>. Apresentaremos uma bateria de seqüências com a forma linguística *quase* que pode ajudar a nossa pesquisa.

Estabeleçamos desde já duas interpretações possíveis para:

(1) *por pouco a bola não entrava na baliza*

(i) a bola entrou e (ii) a bola não entrou

Com as paráfrases seguintes podemos concluir que o que está em causa não é apenas a determinação QNT porque ela não introduz qualquer diferença: (i) por (com) mais um pouco entrava= não entrou; (ii) por (com) menos um pouco entrava= não entrou; (iii) por (com) mais um pouco não entrava= entrou; (iv) por (com) menos um pouco não entrava= entrou. Então o que é que está em causa?

Vejamos mais detalhadamente o comportamento das partículas *por pouco*, *por pouco não*, *quase*, *quase não* numa relação interproposicional. Procuramos trabalhar em contextos explícitos, um dos princípios fundamentais da teoria culioliana.

(2) O guarda-redes defendeu tão mal que a bola

(2<sup>a</sup>) *quase* entrava na baliza

(2<sup>b</sup>) *\*quase não* entrava na baliza

(2<sup>c</sup>) *por pouco* entrava na baliza

(2<sup>d</sup>) *\*por pouco não* entrava na baliza [*por pouco não* 1] [entrou]

(2<sup>e</sup>) *por pouco não* entrava na baliza [*por pouco não* 2] [não entrou].

Estas sequências contêm duas relações predicativas que manifestam entre si uma relação de "concomitância"<sup>3</sup>, que não quer dizer simultaneidade temporal mas apenas que "temos isto e isto": **p** e **q**; uma relação "consecutiva"<sup>4</sup>, quer dizer, temos "isto e depois aquilo"(Culioli 1992), e ainda uma relação "causativa": um acontecimento está ligado a outro acontecimento de tal forma que **p** provoca normalmente **q**, **q** é subsequente de **p**, ou seja, há uma relação de causa-efeito entre os dois termos. De facto, o que temos é a relação entre um processo contínuo de **p** e uma descontinuidade de **q**.

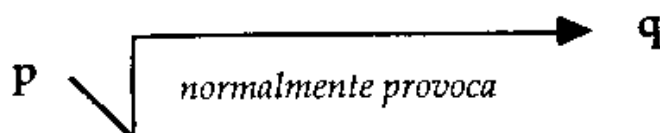
Esta descrição corresponde a, juntando factores nocionais com os pragmáticos, dizermos: a baliza pode ser vista nas suas duas componentes: por um lado o guarda-redes deve evitar que a bola entre nela, ou seja, ele deve impedir o golo, e por outro a baliza existe para que a bola entre nela. Há mudança de estado, uma descontinuidade, quando o guarda-redes não consegue impedir que a bola entre na baliza, ou, na outra perspectiva, os jogadores da equipa adversária conseguem que a bola entre nessa baliza.

Então, quanto mais o guarda-redes defender a sua baliza, menor será a possibilidade de a bola entrar na baliza (maior será a possibilidade de a bola não entrar, isto é, não ser golo); quanto menos defender o guarda-redes a sua baliza, menor será a possibilidade de a bola não entrar (maior será a possibilidade de a bola entrar, isto é, ser golo). Na outra perspectiva: quanto melhor rematar o jogador da equipa adversária maior será a possibilidade de a bola entrar na baliza (ser golo); quanto pior rematar o jogador da equipa adversária menor será a possibilidade de a bola entrar (maior será a possibilidade de a bola não entrar).

Se o primeiro termo disser respeito à actividade do guarda-redes e o representarmos por **P** e o segundo termo, **q**, isto é, a possibilidade de a bola entrar na baliza, temos: quanto mais **p** menos **q**; quanto menos **p** mais **q**.

Se o primeiro termo disser respeito à actividade do jogador adversário e o representarmos por **p** e o segundo termo **q**, isto é, à possibilidade de a bola entrar na baliza, temos: quanto mais **p** mais **q**; quanto menos **p** menos **q**.

Se representarmos por **p** o primeiro termo "defender mal" e por **q** o segundo termo "a bola entrar na baliza (= ser golo)" teremos a relação causativa prototípica:



[esquema 4]

Esta representação dá conta de todas as construções causativas.

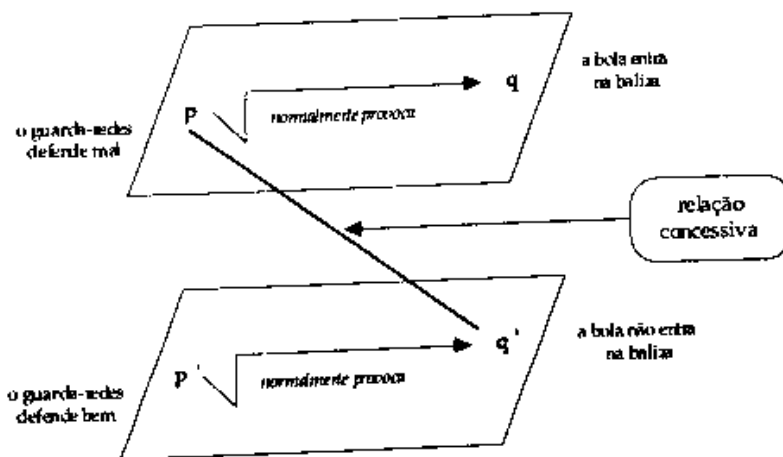
A sequência 2<sub>d</sub> não é aceitável. Porém, parafraseando-a podemos dizer:  
 (3) *o guarda-redes defendeu tão mal que a bola entrou na baliza.*

*Que* é o marcador da relação entre as duas proposições, os dois termos: **p** — *o guarda-redes defendeu tão mal*; **q** — *a bola entrou na baliza*. Por um lado, **p** é o termo de partida na relação orientada **p R q** por ser a origem da relação causal **p → q**, em que **p** é a origem e **q** o fim. Por outro lado, o termo preponderante no par **p, q** é **q**, que é o termo que se refere a uma descontinuidade. *Que* indica que **p** está assim localizado relativamente a **q**, que é o localizador.

Ora, as sequências apresentadas em (2) estão primitivamente construídas sobre as relações de concomitância, consecutivas e causativas descritas atrás. Nesse sentido, se tudo corresse como foi referido, elas deveriam poder ser representadas por **p — o guarda-redes defendeu tão mal; q — a bola entrou na baliza**, em que o marcador das relações entre os dois termos era *que*. Teríamos assim como paráfrase de todas essas sequências: *o guarda-redes defendeu tão mal que a bola entrou na baliza*. Mas, o que nós temos é exactamente o contrário, ou seja, uma sequência ilógica: *o guarda-redes defendeu tão mal que a bola não entrou na baliza*. Apesar do disparate desta última conclusão, mantém-se porque os enunciáveis referidos em (2) não alteram em nada o que foi dito até aqui. E mais. O que se diz de facto é que "o guarda-redes defendeu muito mal" e que "a bola não entrou na baliza", ou seja, não a sequência **p — q**, mas a sequência **p — q'**. Estamos, assim, perante uma **relação concessiva**, e não consecutiva, entre os dois termos (esqueçamos provisoriamente que continuamos nestas sequências a ter *que* como elemento consecutivo, e não concessivo, na relação entre as duas proposições).

Como explicar este fenómeno no quadro da teoria formal enunciativa?

Adaptando um esquema de Culioli (1992), representemos esta relação concessiva entre os dois termos.



[esquema 5]

O que nós temos é: *o guarda redes defendeu tão mal que a bola deveria ter entrado na baliza, mas não entrou.*

Partimos de "defender mal": *p conduz normalmente a q*: "a bola entrar na baliza [ser golo]". Aconteceu *p* que conduziu não a *q* mas a *q'*:

$p \rightarrow q$  no entanto  $\rightarrow q'$

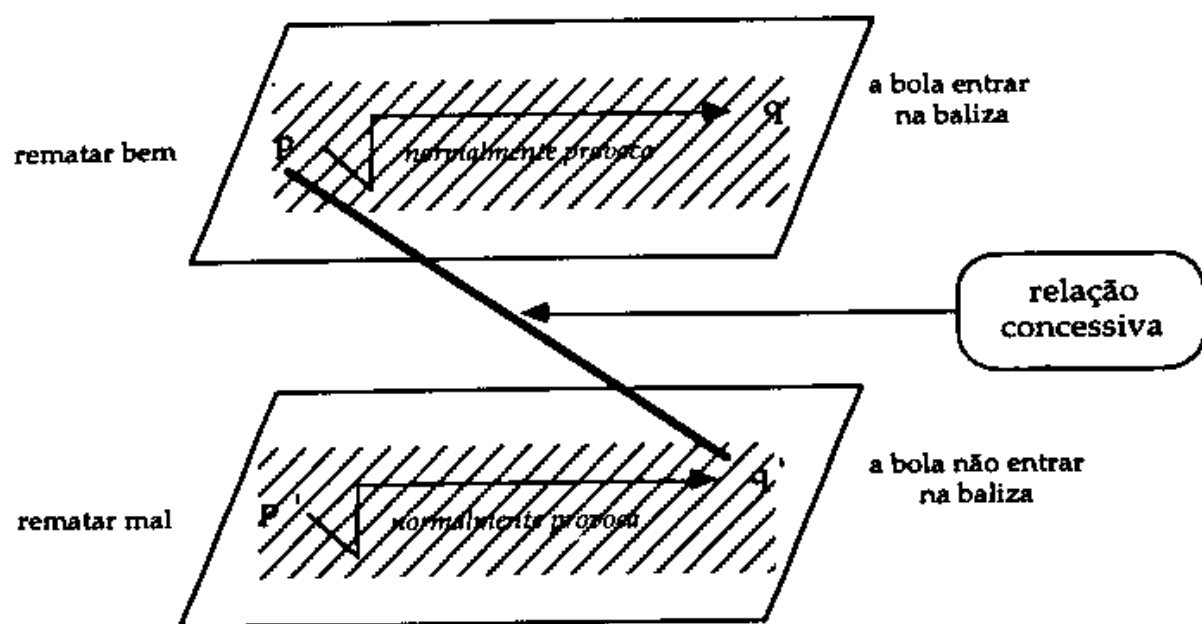
[esquema 6]

Temos efectivamente uma **relação concessiva**. Mas, apesar de ter acontecido *q'*, *S*<sub>1</sub> insiste sobre a relação causativa e consecutiva: "defender mal (causa) implica deixar entrar a bola na baliza (efeito) porque assim permite modalizar a relação entre os dois termos **culpabilizando desse modo o agente do processo** (*S*<sub>2</sub>): o guarda-redes. Ele é culpabilizado por uma coisa que afinal até nem se cumpriu. Na perspectiva de *S*<sub>1</sub> só por sorte ou por acaso é que a bola não entrou na baliza.

A perspectiva simétrica que anteriormente apontámos pode surgir das paráfrases seguintes:

- (4) X rematou tão bem que a bola
- [4a] **quase** entrava na baliza
- [4b] \***quase não** entrava na baliza
- [4c] **por pouco** entrava na baliza
- [4d] \***por pouco não** entrava [por pouco não 1] [a bola entrou]
- [4e] **por pouco não** entrava [por pouco não 2] [a bola não entrou]

Representemos:



[esquema 7]

Rematar bem *normalmente conduz a* “a bola entrar na baliza”. Neste caso, no entanto (relação concessiva), a bola não entrou:

$p \longrightarrow q$  no entanto  $\longrightarrow q'$

[esquema 8]

Estamos perante o mesmo ponto de vista de  $S_1$ .

Verificámos que na bateria de exemplos [2] como em [4] são possíveis os marcadores *quase, por pouco, por pouco não 2*, em que a relação predicativa é validada no exterior do domínio: a bola não entrou. A ocorrência aproximou-se do valor localizador. Por isso é possível refazer o percurso como se essa ocorrência não tivesse tido lugar. Trata-se de um fenómeno de avaliação segundo a perspectiva subjectiva do enunciador. *Quase* ou *por pouco* introduz assim o valor de alteridade, que mais não é do que o complementar da relação localizada. São, por outro lado, impossíveis: *\*quase não, \*por pouco não 1*: em que a relação predicativa é validada no interior do domínio: a bola entrou, o que impede a alteridade.

Prosseguindo a abordagem vejamos, ao invés, os casos (5) e (6). As representações anteriores também permitem visualizá-los.

(5) O guarda-redes defendeu tão bem que a bola

(5<sub>a</sub>) *\*quase* entrava na baliza (só possível com ironia: tão bem=tão mal.

Nesse caso ver (1a)

(5<sub>b</sub>) *quase não* entrava

(5<sub>c</sub>) *\*por pouco* entrava

(5<sub>d</sub>) *por pouco não* entrava [por pouco não 1 = entrou]

[5<sub>e</sub>] *\*por pouco não* entrava [por pouco não 2 = não entrou]

Por que é que (5<sub>a</sub>) (5<sub>c</sub>) e (5<sub>e</sub>) são não-enunciáveis? Defender bem *normalmente conduz a* “a bola não entrar na baliza”. Ora, nestes casos não há relação concessiva (que seria representada pelo caminho  $IE \longrightarrow I$  no entanto  $\longrightarrow E$ ), há apenas uma relação de causa-consequência:  $IE \longrightarrow E$ .

Por que é que na bateria

[6] X rematou tão mal que a bola

(6<sub>a</sub>) *\*quase* entrava na baliza (só possível com ironia)

(6<sub>b</sub>) *quase não* entrava na baliza [entrou]

(6<sub>c</sub>) *\*por pouco* entrava na baliza

(6<sub>d</sub>) **por pouco não** entrava [só possível **por pouco não 1**: entrou]

(6<sub>e</sub>) \***por pouco não** entrava [**por pouco não 2**: não entrou]

(6<sub>a</sub>) (6<sub>c</sub>) (6<sub>e</sub>) são não-enunciáveis?

Rematar mal *normalmente conduz a* “a bola não entrar na baliza”. Ora, nestes casos não há relação concessiva (que seria representada pelo caminho IE → E no entanto → I), há apenas uma relação de causa-consequência: IE → I.

Verificámos que em (5) como em (6) não são possíveis os marcadores \**quase*, \**por pouco*, \**por pouco não 2*: = a bola não entrou; são possíveis *quase não*, *por pouco não 1*: = a bola entrou.

Como vemos, a ocorrência ou a não ocorrência em (2) e (4) são exactamente ao contrário de (5) e (6).

### 3. Algumas conclusões

Analisado o funcionamento destas partículas, podemos concluir tratar-se de marcadores de uma única operação. Eles introduzem (constrõem) uma **diferenciação** (contida no operador primitivo/básico da teoria de A. Culioli) entre dois valores: a alteridade e a heterogeneidade.

A **alteridade**, de carácter QLT, estabelece-se entre os dois termos da relação (um antes e outro depois das partículas em estudo), surge no segundo termo relevando de uma localização por *especificação em consequência* da construção prévia do primeiro termo. Quer isto dizer que:

(a) - se o primeiro termo tem uma orientação para I, o marcador introduz uma orientação para I dado que apesar da orientação para I (concessiva) a validação/localização é feita em E;

(b) - se o primeiro termo tem uma orientação para E, o marcador introduz uma orientação para E dado que (apesar da orientação para E (concessiva)) a validação é feita em I.

A **heterogeneidade**, de carácter QNT, está presente na relação concessiva entre os dois termos, determinando o valor referencial do enunciado através da localização espaço-temporal.

Este processo de construção da significação apresenta, assim, dois modos distintos: a localização subjectiva e a localização espaço-temporal.

Na **localização subjectiva** o Enunciador constrói uma relação causal sobre uma relação concessiva. Subjectivamente é a relação causal que é avaliada. Ela refere-se à alteridade QLT.

Na **localização espaço-temporal** o processo é estabilizado através do segundo termo da relação concessiva sem intervenção do enunciador. Ele está perante um acontecimento que não valida (foi validado independentemente dele). Trata-se de um pré-construído.



A boa formação de um enunciado exige, de acordo com o que atrás foi dito, a presença desses dois modos de construção do processo. *Quase, quase não, por pouco, por pouco não* são os marcadores dessa operação fundamental de dissociação dos dois modos. Se esses dois modos não estiverem presentes, as seqüências tornam-se não enunciáveis (ver seqüências anteriores com \*).

#### 4. Orientação modal e teleonomia

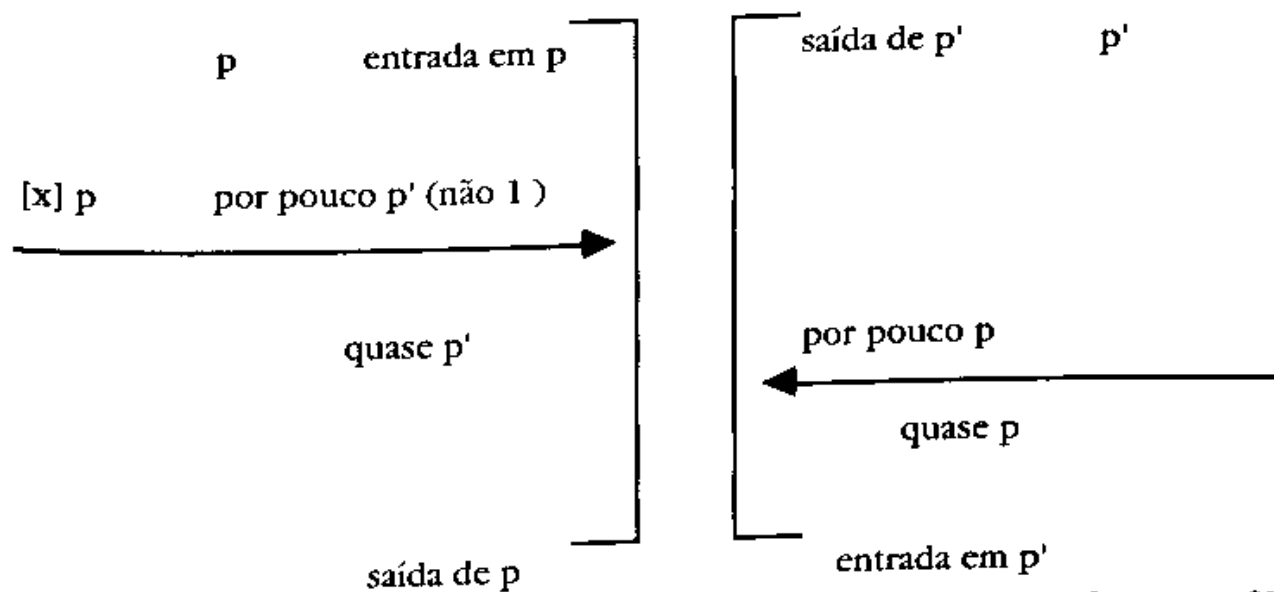
Temos considerado que a orientação proclive corresponde à perspectiva teleonómica em que o objecto que se pensa, espera ou deseja atingir é considerado benéfico, por isso, em princípio positivo. Ao invés, a orientação retroclive corresponderia à perspectiva antiteleonómica já que não é de esperar que o sujeito deseje aquilo que é tido como negativo. Consideramos então que o acontecimento é independente da vontade do sujeito.

Retomemos então o enunciado inicial

(7) *por pouco não passavas no exame*

A noção /passar (no exame) / permite dois percursos: para I (*passar*) e para E (*não passar*) que, lexicalizada dá: *reprovar*.

Tentativa de representação estereoscópica:



[esquema 9]

Imaginemos que uma ocorrência da noção /passar (no exame)/ se situa em I. Ao dizermos "o Luís por pouco não passava" mantemos que ele passou<sup>5</sup> mas a ocorrência foi estabilizada *in extremis*, no limite, pelo que o enunciador modaliza a relação atribuindo-lhe uma orientação retroclive de carácter antiteleonómico que permite dizer que ele esteve à beira de não passar, ou seja de reprovar, por

isso, "o Luís por pouco não passava" é equivalente de "o Luís por pouco reprovava".

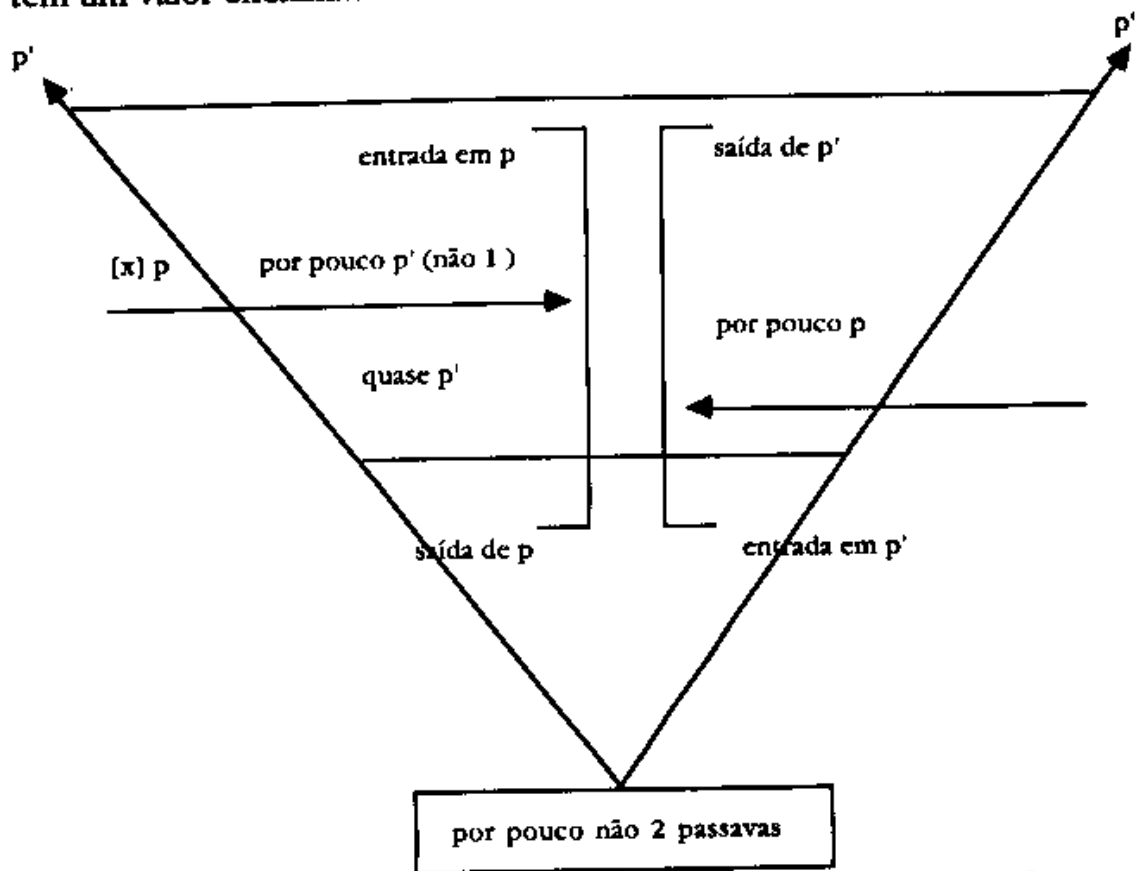
Por outro lado, o mesmo enunciado (7), na interpretação parafraseável por: foi por pouco que não passaste no exame, estiveste mesmo para passar mas não passaste, foi por um triz que não passaste no exame, que codificamos em *por pouco não<sub>2</sub>*, testemunha os percursos seguintes:

(1) O ponto de partida está quantitativamente delimitado. A relação predicativa <tu passar (no exame)> não foi validada. A ocorrência foi localizada no exterior do domínio.

(2) O enunciador, colocado num ponto fora do domínio de validação, isto é, em IE, perspectiva a validação da relação predicativa num momento posterior a T0, distinguindo o caminho IE→I.

(3) Por outro lado, o caminho I →E é avaliado como bom.

Mas, também podemos optar por uma perspectiva sincrética. Com *por pouco não<sub>2</sub>* a ocorrência da noção é reenviada directamente à noção que é assim perspectivada independentemente do positivo e do negativo, há um percurso de todas as ocorrências possíveis da noção, ou seja, há a menção da própria noção, encara-se todo o domínio (p,p')<sup>6</sup>. Por isso um enunciado como este tem um valor exclamativo.



[esquema 10]

(paráfrase: foi por um triz que não passaste)

### Notas

1 Por falta de tempo não podemos apresentar aqui toda a abordagem prévia que fundamenta o que vamos dizer. Na verdade, este texto deveria ser complementado com a leitura da comunicação apresentada no XII Encontro da APL realizado em Braga (Actas do XII Encontro Nacional da APL, pp.241-251).

2 Apenas utilizamos aqui exemplos com o pretérito imperfeito por razões de clareza. Por outro lado, sabemos que o pretérito imperfeito precisa de marcadores de localização suplementar e é compatível com a introdução de uma descontinuidade situada entre o tempo da ocorrência e o tempo da enunciação que acarreta a realização do processo, quando não uma dissociação entre o enunciador origem e o sujeito do enunciado. O uso do pretérito perfeito justificará, noutro momento, uma outra abordagem. Os contextos serão negativos.

3 Para Culioli, *concomitância* "implies loose identification of the spatio-temporal situational indexes of the predicative relations" (Culioli [1989] 1990: 200).

4 *Consecução*, para Culioli, "implies differentiation of the aforementioned indexes" (Culioli [1989] 1990: 201). Ver também "notas de seminário", Culioli 1992.

5 Estamos perante a situação de *por pouco não I*, a ocorrência apesar de se afastar do valor centrado, revela propriedades da noção, pelo que é localizada em I, quer dizer: "o Luís passou".

6 O mesmo se passa em "o problema de ler", "o problema de passar": encara-se todo o domínio: passar/não passar, ler/não ler.

### Bibliografia

- CAMPOS, M.H.C. 1997 — *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- CULIOLI, A. 1990 — *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CULIOLI 1992 — "Les catégories grammaticales: invariance et spécificité", Notas de seminário 18-20 Novembro, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FRANCKEL, J.J. & D. Paillard 1991 — "Discret-Dense-Compact; vers une typologie opératoire", in C. Fuchs (ed) *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 103-136.
- FRANCKEL, J.J. & D. Lebaud 1992 — "Lexique et Opérations - Le lit de l'arbitraire", in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 89-105.
- MOREIRA, B. 1995 — "Para a caracterização de alguns marcadores enunciativos de intermodalidade" in *Actas do XII Encontro Nacional da APL*, 241-251.
- PAILLARD, D. 1992 — "Repérage: construction et spécification", in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.
- RATIÉ, M. 1989 — "A propos de quelques adverbes de négation implicite" in *Cahiers de recherche en grammaire anglaise, tomo IV*, Ophrys, 65-92.